

Conflitos na educação infantil: O olhar das professoras

Andressa Carvalho Prestes¹, Diana Leonhardt dos Santos² e Lia Beatriz de Lucca Freitas³

INTRODUÇÃO

- Os conflitos interpessoais fazem parte das relações humanas (Vinha, 2004). Na educação infantil, quando a criança passa a realizar trocas para além das relações familiares, tais situações são cotidianas e servem como oportunidades para que o professor trabalhe questões morais e de valores com seus alunos (Vinha, 2004).
- A perspectiva construtivista defende a distinção entre dois tipos de moral: a heteronomia e a autonomia.
- Inicialmente, a criança percebe a existência das regras e as segue por obediência a uma figura de autoridade. Essa fase, chamada heteronomia, pode ser superada e dar lugar à autonomia moral, quando as regras são seguidas por serem tidas como necessárias à convivência (Freitas, 1999).
- A entrada das crianças no universo moral ocorre na época em que muitas delas frequentam instituições de educação infantil, o que torna relevante a reflexão acerca do desenvolvimento moral nesses contextos.
- As práticas diárias do professor cumprem um papel significativo para que esse desenvolvimento se efetive ou não, e a sua forma de lidar com as situações de conflito pode estimular a manutenção da heteronomia da criança ou incentivar a sua passagem à autonomia moral (Vinha, 2004).

OBJETIVO

Investigar se as estratégias utilizadas pelas professoras de educação infantil no processo de resolução de conflitos favorecem a heteronomia ou a autonomia moral dos alunos envolvidos.

MÉTODO

Participantes

Dez educadoras titulares de turmas de educação infantil na cidade de Porto Alegre, com idades entre 21 e 41 anos. As professoras atendiam crianças de quatro meses a seis anos de idade. Duas das educadoras cursavam o último ano de graduação em Pedagogia, e as demais já haviam concluído o curso.

Instrumentos

- Questionário sobre Formação e Trabalho das Educadoras (LAPEGE/ UFRGS, 2010a).
- Entrevista Semiestruturada sobre Autonomia (LAPEGE/ UFRGS, 2010b), na qual, entre outras questões, apresentou-se às participantes a seguinte situação hipotética de conflito entre alunos:

“Algumas crianças estão brincando juntas. Um outro colega, que estava fora da brincadeira, pergunta se poderia participar, e os colegas respondem que não.”

Em seguida, perguntou-se às educadoras de que forma elas agiriam diante de tal situação.

Análise de dados

- Análise qualitativa de conteúdo (Bardin, 1977).
- Levantamento de frequência das categorias, tendo como unidade de análise cada estratégia referida pelas professoras.

RESULTADOS

As respostas das participantes foram classificadas em duas categorias, descritas e exemplificadas a seguir.

1. Estratégias voltadas para a heteronomia

Incluem os métodos verbais de educação moral, isto é, o uso de sermões e lições de moral para tentar solucionar o conflito, e também a estratégia de ditar aos alunos qual a maneira de proceder diante da situação, ou seja, apresentar uma solução “pronta” para o problema. Nessas estratégias, a professora se coloca na posição de autoridade perante as crianças, sem engajá-las no processo de resolução do conflito.

EXEMPLO: “(...) Quando vem pedir a minha ajuda, eu vou lá, pego ele pela mão e ‘vamos lá conversar com os teus colegas’. ‘Por que ele não pode brincar? Os brinquedos são da escola, são da sala, são pra todos brincarem juntos. Então ele pode brincar com vocês, sim’”

2. Estratégias voltadas para a autonomia

São os métodos ativos de educação moral, isto é, estratégias nas quais a professora procura implicar as crianças na busca de uma solução para o conflito. Nessas estratégias, a educadora propõe situações de cooperação, favorecendo a interação entre os alunos, ou apresenta alternativas para que eles reflitam e cheguem a uma solução conjunta.

EXEMPLO: “(...) Aí eles já dizem o motivo, por exemplo: ‘A Júlia não sabe brincar dessa brincadeira’. ‘Então ensina pra Júlia, ensina pra *profe* que a *profe* vai brincar um pouquinho com vocês’. (...) Aí depois eu saio e digo: ‘Agora a Júlia vai ser o que a *profe* era’. (...) Aí eu saio da brincadeira e elas continuam, conseguem aceitar no grupo”

Contabilizaram-se 13 estratégias:

- 10 voltadas para a heteronomia e
- 3 voltadas para a autonomia.

DISCUSSÃO

- Esses dados mostraram que a maioria das participantes procura solucionar os conflitos à sua maneira, em vez de engajar os alunos envolvidos no processo de resolução e favorecer a cooperação entre eles.
- Essas estratégias de resolução de conflito baseadas na autoridade da professora constituem reforços cotidianos para a heteronomia da criança. Dessa forma, não se abre espaço para que a personalidade ética se desenvolva, o que mantém as crianças centradas no seu próprio ponto de vista, levando-as por vezes a não tomarem decisões justas para todos os envolvidos.
- No entanto, a presença de três estratégias voltadas para a autonomia indica que é possível realizar um trabalho dirigido à construção da autonomia moral desde idades muito tenras.
- É preciso valorizar as capacidades psíquicas das crianças e incentivá-las a buscar soluções por si mesmas, ainda que com auxílio e supervisão dos adultos.
- Espera-se que este estudo contribua para que se repensem as práticas de educação moral nas escolas de educação infantil, a fim de estimular desde cedo o desenvolvimento do respeito mútuo e da resolução de conflitos através do diálogo.

REFERÊNCIAS

- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Martins Fontes.
- Freitas, L. B. L. (1999). Do mundo amoral à possibilidade de ação moral. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 12 (2), 447-458.
- Laboratório de Psicologia e Epistemologia Genética. (2010a). *Questionário sobre formação e trabalho das educadoras*. Instrumento não-publicado, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Laboratório de Psicologia e Epistemologia Genética. (2010b). *Roteiro de entrevista sobre autonomia*. Instrumento não-publicado, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Vinha, T. P. (2004). O processo de resolução de conflitos interpessoais na escola autocrática e democrática. *Revista da Faculdade Adventista da Bahia “Formadores: Vivências e Estudos”*, 1(1), 63-78.

¹ Bolsista de Iniciação Científica CNPq – UFRGS. ² Mestranda em Psicologia do Desenvolvimento – UFRGS. ³ Doutora, professora do Instituto de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFRGS e coordenadora do LAPEGE. Contato: lapege@lapege.com.br